



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

SER CASADO: O QUE SIGNIFICA? O DISCURSO DE HOMENS HOMOSSEXUAIS

Carolina de Campos Borges¹; Fabiana Calixtro Maruchi²

Rodovia Dourados-Itahum, Km 12, Cidade Universitária, Dourados/MS CEP 79.804-970 - UFGD/FCH

¹Profa Adjunta; ²PIBIC/CNPq

RESUMO

Diante da necessidade de melhor compreender as relações homoafetivas e, assim, conhecer novas formas de família que estão surgindo, vem sendo realizado um estudo sobre os discursos de homens que vivem uma relação estável com outro homem a respeito de suas vidas conjugais. Foram entrevistados 9 homens, moradores da cidade de Goiânia-GO, que vivem com seu parceiro há pelo menos 2 anos. Os textos resultantes das transcrições das entrevistas foram submetidos a uma Análise de Discurso, seguindo as premissas da Análise Crítica do Discurso. Baseando-se nos dados dessa pesquisa, este trabalho discute como é ser viver junto com outro homem a partir do ponto de vista dos entrevistados. Qual o significado de ser “casado”? Como os padrões sociais heteronormativos influenciam seus relacionamentos? Há semelhanças e diferenças entre um relacionamento homoafetivo e heteroafetivo? Os resultados foram discutidos a partir de três categorias de análise: 1ª) “Ser casado é...”; 2ª) “Semelhanças e diferenças entre relações homoafetivas e heteroafetivas”; 3ª) “Viver em uma sociedade heteronormativa é...”. Concluiu-se que, embora haja muitas semelhanças entre os relacionamentos homoafetivos e heteroafetivos, como, por exemplo, o sentimento que os une, a forma de se relacionar acaba sendo diferente, pois os casais de homens enfrentam algumas dificuldades que não se impõem aos casais heteroafetivos, tais como: não poder se expor socialmente de forma natural; lidar com estigmas socialmente produzidos e sofrer as consequências do preconceito em seu meio familiar e na sociedade como um todo.

Palavras-chave: Conjugalidade homoafetiva; heteronormatividade; família.

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é discutir o significado de ser casado para homens que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. O que representa para eles ter um relacionamento estável? Quais as semelhanças e diferenças entre um relacionamento homoafetivo e um heteronormativo? Como os padrões culturais heteronormativos influenciam as experiências desses casais?

A homossexualidade não é uma invenção da contemporaneidade. Estudos antropológicos demonstram que práticas homossexuais sempre existiram e, em alguns contextos sociais, era considerada uma forma normal de junção amorosa. Contudo, como ressalta França (2009), por volta do século XIX a homossexualidade passou a ser considerada doença, crime, perversão sexual, etc, enquanto a heterossexualidade era considerada o “natural”, o “normal”, para os seres humanos. O referencial heteronormativo, partindo do princípio que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e que este deve ser o padrão seguido nas sociedades, acabou gerando a estigmatização e marginalização de todos aqueles que fogem de tal norma instituída.

Nos últimos anos, muito tem se discutido sobre a heteronormatividade social e a violência simbólica dela decorrente. Entende-se “violência simbólica” como um processo pelo qual transforma-se o diferente em inferior, “naturalizando” uma inferioridade que é da ordem do socialmente construído. O que é fruto da cultura passa a ser atribuído à natureza. Assim, discriminações, estigmatizações, exclusões, desqualificações e violências resultam de um sistema que legitima tanto a desigualdade quanto as práticas discriminatórias, tornando invisíveis tais formas de violência (Bourdieu & Passeron, 1982).

Desde o início dos anos 1980, assiste-se, no Brasil, ao fortalecimento das lutas pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais (GLTB). Os homossexuais, que, conforme Bourdieu (1998), sofrem de uma forma específica de opressão relacionada à sua invisibilidade política, têm tido êxitos nas suas reivindicações e conquistado, pouco a pouco, novos direitos. A despenalização da homossexualidade – com a saída das práticas sexuais homoeróticas dos códigos penais em diversos países – e sua desmedicalização – com a retirada da categoria da homossexualidade da Classificação Internacional das Doenças – confirmam o alcance de suas conquistas (Arán, 2005). Além, claro, do fato de movimentos como o Dia do

Orgulho Gay e da Parada do Orgulho GLTB mobilizarem atualmente milhões de pessoas em diferentes cidades brasileiras.

São mudanças inspiradas no espírito de liberdade, de tolerância e de respeito pelos direitos humanos, que se traduzem na valorização da igualdade, da singularidade pessoal e da diversidade social própria das sociedades individualistas, isto é, aquelas em que o indivíduo ocupa uma posição central na configuração de valores sociais (Dumont, 1983; Simmel, 1989; Singly, 2007).

Um importante passo relativo ao reconhecimento dos direitos dos homossexuais, no Brasil, ocorreu no ano de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal autorizou o reconhecimento legal da coabitação de casais de gays e lésbicas, estendendo aos casais homossexuais o regime jurídico das uniões estáveis previsto no Código Civil. O direito ao reconhecimento de uma união estável não significa exatamente um “casamento” entre homossexuais, pois esses casais não gozam dos mesmos direitos que os casais heterossexuais, tais como o direito de adotar filhos e de se apropriar do sobrenome do cônjuge. Mesmo assim, trata-se de um avanço em direção à ampliação do conceito de cidadania e à afirmação dos homossexuais enquanto uma categoria social. Um passo que, aliás, cria muitas controvérsias, pois coloca em questão valores e costumes tradicionais, bem como discursos sociais que sustentavam o caráter “periférico”, “marginal”, das relações homoafetivas e, evidentemente, do estilo de vida homossexual, em relação à norma heterossexual dominante.

As mobilizações sociais das últimas décadas, pressionando a favor da revisão de discursos conservadores sobre a homossexualidade e as relações homoafetivas, provocam uma transformação na cultura e nos costumes brasileiros como um todo. Tirar o universo homossexual de uma posição “marginal” e situá-la no seio da cultura oficial brasileira instituída é desestabilizar uma série de outras concepções socialmente estabelecidas sobre sexualidade, família, casamento, individualidade, diversidade, etc.

No que se refere à família, a “desmarginalização” do universo homossexual conduz à revisão de um padrão social de família, a “família conjugal moderna” ou “família nuclear burguesa”, caracterizada pela centralidade do casal heterossexual e pela relativa autonomia do núcleo pai-mãe-filhos com relação à rede de parentela. A inclusão do casal homoafetivo e da homoparentalidade na vida familiar impõe uma flexibilização desta concepção de família - que, diga-se de passagem, já vem ocorrendo há algumas décadas em função das novas configurações familiares provenientes dos divórcios e

recasamentos e das novas técnicas de reprodução artificial (Vaitsman, 1994; Gross, 2007).

Surge, no contexto atual, um novo modelo de família, composta por um casal de pessoas do mesmo sexo. Nela, o objetivo da união conjugal não é gerar filhos, mas propiciar a troca de amor, afeto, carinho, o projeto de construir uma vida juntos, de cuidar um do outro nas diferentes fases da vida. (SALOMÉ, ESPÓSITO, MORAES, 2007).

Este novo modo de se conceber família não tem sido prontamente aceito por todos. Vários setores da sociedade brasileira, principalmente os influenciados por ideologias familiaristas e naturalistas de origem religiosa, têm se mostrado bastante resistentes aos discursos e às vivências de lésbicas e gays, à afirmação do direito à liberdade de orientação sexual e, conseqüentemente, à legitimidade dos agrupamentos familiares que fogem ao padrão da família estruturado em torno do casal heteroafetivo.

Verifica-se, deste modo, a centralidade que o debate sobre a conjugalidade homoafetiva tem no panorama da transformação da família contemporânea. Diante da expansão das discussões a respeito das relações familiares e da escassez de trabalhos acadêmicos que tratem de tais questões a partir da perspectiva das relações homoafetivas, o presente trabalho busca compreender, por meio da análise do discurso, como é a experiência de casais de homens.

METODOLOGIA

Foram realizadas 9 entrevistas semi-estruturadas com homens homossexuais, moradores da cidade de Goiânia (GO), com idades entre 35 e 45 anos, que viviam uma relação conjugal estável com parceiros do mesmo sexo. Todos eles são pertencentes aos extratos sociais médios. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes das descrições foram submetidas a uma análise de discurso, seguindo parâmetros da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1995). A “Análise de Discurso” foi considerada a metodologia adequada para a realização desta pesquisa em função do nosso objetivo de apreender as falas dos sujeitos como textos produzidos dentro de um contexto sócio-cultural e explorar os sistemas ideológicos subjacentes a ele (Rocha-Coutinho, 1998).

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa a partir de sua rede social, o que, segundo Heilborn (2004), é uma estratégia de recrutamento interessante

quando se tem como alvo as camadas médias, um segmento extremamente vasto e variado, de difícil definição. Trata-se de uma tentativa de abordar pessoas que compartilham de uma representação de mundo próxima dentro das “classes médias”, fazendo com que a comparação de seus discursos seja possível.

Ressalta-se ainda que, antes da realização das entrevistas, todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido através do qual expressaram concordância em participar deste estudo e autorizaram o uso das informações para estudos acadêmicos e para publicação, tendo a pesquisadora se comprometido a garantir o sigilo de suas identidades e utilizar nomes fictícios na divulgação dos resultados.

RESULTADOS

Os discursos foram analisados a partir de três categorias: 1ª) Ser casado é... ; 2ª) Semelhanças e diferenças entre relações homoafetivas e heteroafetivas; 3ª) Viver em uma sociedade heteronormativa é...

1. Ser casado é...

Nos discursos dos entrevistados sobre “ser casado” faz-se referência a compartilhar a vida, ter segurança, tranquilidade e também dividir - e dividir-se -, dar satisfação ao outro, abrir mão de certas coisas e conciliar individualidades.

Nos trechos de discursos abaixo, encontra-se a ideia de casamento como “compartilhar a vida”:

“Ah, ter alguém para compartilhar a vida, as experiências. Eu gosto de viajar. Ter alguém pra viajar junto. Ter alguém para conversar como foi seu dia e... essas coisas. Uma companhia de alguém que vc gosta e etc. Acho que ser casado é isso. Gosto muito de amigos também, de festas, a gente sempre vai junto. Mesmo pq os gays não... acabam que os... a família fica sendo mais os amigos, por causa daquilo que eu te falei. Existe sempre uma certa hostilidade em relação a isso da parte familiar. (...) É uma resposta simples, mas na prática acho que é isso. Ter alguém para dividir as experiências da vida. O outro. Vc e o outro. Independente de ser mulher nem homem. (...) Viver, conviver, viver com, mesmo. Como diz o padre, saúde na doença, na alegria e na tristeza. Essas coisas. Então é isso” (“Carlos”).

“É dividir mesmo. Vc chega, vc conta coisas. É uma pessoa que é seu confidente. Vc tem uma pessoa que ajuda vc a pensar coisas, a objetivar coisas, o que vc pensa... uma pessoa que te ajuda financeiramente. Te ajuda, não, divide com vc financeiramente. Eh... Dividir é a palavra” (“Augusto”).

“Ter alguém, ter um companheiro que eu goste, que gosta de mim, que eu sinta segurança, que eu sei que se eu precisar de alguém essa pessoa vai estar do meu lado. É isso. Eu acho que ser casado é ser amado, ser correspondido, e ter essa segurança de ter alguém ao meu lado que tem os mesmos anseios que os meus, que se eu precisar vai estar me amparando, se eu sofrer um acidente vai cuidar de mim. E eu tenho responsabilidade para com ele também. Acho que ser casado é isso” (“Giorgio”).

Ser casado também foi relacionado a ter mais tranquilidade e segurança emocional e financeira:

“Para mim, dá mais segurança. Segurança, que eu falo, assim, dá mais estabilidade, no sentido de que dois é mais forte do que um. No sentido financeiro. Eu acho que para mim não tem nada melhor”. (Bernardo)

“Segurança, estabilidade. Pq vc tem alguém que acho vai te entender melhor que qualquer pessoa... sei lá, que sua mãe. Porque convive ali no dia a dia com você, tem o mesmo sexo que você, entendeu? E até o mesmo sonho, o mesmo objetivo” (“Bernardo”).

Ser casado foi relacionado a “ser leal”:

“Ser casado, depois de 11 anos, é você conseguir manter a sinceridade e a lealdade como princípio. Sinceridade e lealdade. Para mim são duas coisas muito claras” (“Leandro”).

“Ser casado? Ah, eu acho que é esse compromisso de vc ter com a outra pessoa esse compromisso acho que afetivo mesmo, de estar junto, de viver junto, de construir junto, de planejar as coisas junto e acho que principalmente de direito. Que um tem o que o outro tem. Acho que não só financeiramente, mas de vida mesmo. Acho que é esse respeito mútuo, esse compromisso. Eu acho que casamento ta nisso daí. Envolve questões emocionais e questões financeiras. E a partir do momento que a gente foi morar junto e resolvemos casar, não oficialmente, mas a partir do momento que nós moramos junto eu acho que tem esse comprometimento mesmo de um amparar o outro em todas as situações” (“Evandro”).

Casamento foi entendido como “ter responsabilidade”:

“Ah, é ter mais responsabilidade, né? Ter uma vida dupla. Tem que ter duas pessoas ao mesmo tempo. Vc nunca tem... uma vida aonde vc não presta contas durante o dia. Tem que estar prestando contas o tempo todo do que está sendo feito na sua vida. Tem que estar compartilhando os momentos felizes, os momentos infelizes, né? ... Tem que dividir os gostos, tem que dividir os desejos, tem que dividir... tudo. Tudo é na base da divisão” (“Helder”).

“Isso não significa que eu tenha liberdade de sair enlouquecido fazendo coisas por aí, não. Não pense isso. Eu tenho responsabilidade de homem casado. Vc entende isso? É uma responsabilidade de homem casado. ... Não é porque eu tô em outro país, por exemplo, eu estive no México e saí enlouquecido porque eu tô lá há muito tempo doido, vou sair ficando com todo mundo porque eu tô longe. Não é isso. Não dá. Não dá. Já passou, minha adolescência já passou” (“Augusto”).

Ser casado também foi compreendido como “dividir” e “dividir-se”:

“Dividir é a palavra. Eu acho que na verdade não é nem... é se dividir. Porque você tem que pensar em você e pensar em mais um. Quer dizer, é se dividir. É pensar que vc tem uma individualidade e que não necessariamente essa sua individualidade é a certa. (...) Quer dizer, você tá sempre lidando como que você pensa e com o que o outro pensa. Os dois são uma figura que se completa, né? Me vem essa figura dividida, assim. Um corpo dividido em 2, onde você é uma parte e a outra pessoa é a outra. Que compõe esse casal” (“Augusto”).

“Claro que, eu vou ser sincero, há momentos que vc... talvez em toda relação, em alguns momentos, dá vontade ser livre. Ser livre... Toda relação tem seus altos e baixos, né? Dá vontade de ser livre no sentido de não ter que dar satisfação. Porque relação é isso: é compromisso. Vc tem que dar satisfação para a outra pessoa dos seus passos. E às vezes vc fica meio preso” (“Bernardo”).

“Tudo é na base da divisão. Mas que na verdade, no final, acaba somando pq vc acaba aprendendo a conviver melhor com a sociedade. (...) Pq vc acaba sabendo que vc não é o centro do universo. Vc não é a única pessoa que tá ali. Existem outras pessoas que vc precisa respeitar, que ela depende de vc. Vc não pode utilizar as coisas, os espaços, o ambiente, como sendo só seu, como se não tivessem outras pessoas ao redor, né? Então, é um processo de muita responsabilidade” (“Helder”).

“Casado, vc fica muito junto com a pessoa, divide muito problema com a pessoa. Muito problema, muita alegria, muito convívio... tem que planejar junto, é a vida a dois. Eu penso assim” (“João”).

2. Semelhanças e diferenças entre relações homoafetivas e heteroafetivas

Conforme os entrevistados, há aspectos semelhantes e diferentes nas relações homoafetivas e heteroafetivas. Eles destacaram que o sentimento que une o casal é o mesmo para heterossexuais e homossexuais, assim como as dificuldades ligadas à vida cotidiana e à conciliação das individualidades dos parceiros. Ressaltam, no entanto, que há diferenças entre uma vida conjugal homo e hetero em consequência da falta de amparo social, do preconceito que sofrem cotidianamente e da ausência de outros vínculos - como, por exemplo, filhos - que poderiam ajudar a fortalecer o laço conjugal.

Conforme os entrevistados, o cotidiano, as dificuldades, os assuntos, os projetos de um casal são bem semelhantes, seja ele um casal de homossexuais ou de heterossexuais:

“Muito próximo mesmo. Pq é isso. Tudo se resume a vc conviver com alguém, e depois vc constrói uma casa, constrói relações de amizade que vão compartilhar dessa casa, a sua vida no quarto, a sua vida na sala” (“Leandro”).

“Mas, assim, eu não vejo muita diferença pq, por exemplo, igual aos casais que a gente conhece, como a gente vive muito geralmente com casais tanto hetero quanto homo, o que a gente discute mais é justamente isso. De construir alguma coisa, de viajar, fazer planos. (...) Entendeu? Assim, eu não consigo ver uma diferença” (“Giorgio”).

Alguns entrevistados consideram que o sentimento que une um casal é o mesmo, independente de serem dois homens ou um homem e uma mulher, como se pode ver:

“Ah, eu acho que... os sentimentos sejam bem parecidos em qualquer casal, hetero ou homo, etc. O que une. Mas o desenrolar dessa expressão acho que é bem diferente” (“Carlos”).

“É diferente pq são... são dois seres diferentes. Homem e homem, mulher e mulher, homem e mulher. Mas, assim, é a mesma coisa. A questão do companheirismo, a questão do carinho, do amor, do respeito” (“João”).

Os entrevistados se referiram à falta de privacidade, de individualidade e a dependência emocional como outro ponto em comum entre os relacionamentos:

“Mas as pessoas que eu converso, casais heterossexuais, quando a gente fala assim de brigas, de disputas, de falta de respeito à privacidade, então isso é muito comum entre as duas relações, nas heteroafetivas e nas homoafetivas. Brigas de casais, a intromissão na privacidade um do outro, o que é comum dos dois, o que não é” (“Helder”).

“Acho que o problema do relacionamento de qualquer casal, seja ele hetero, homo, bi, sei lá o que for, é realmente esse, essa... dependência que um fica do outro. Os seres humanos estão hoje completamente interdependentes” (“Augusto”).

“Mas eu acho que nós seguimos, nós imitamos o modelo heteronormativo... de controlar a hora que o outro chega, ‘onde é que vc tava?’, ‘com quem?’, ‘por quê?’. Não sair sozinho. Entendeu? É onde eu te falo que a gente copia o modelo heteronormativo.(...) Então, eu acho que, nisso, se parece muito. No ciúme, no sentimento de posse, do controle da vida do outro, eu acho que nisso se parece muito” (“Flávio”).

Com relação às distinções entre os relacionamentos estabelecidos entre pessoas do mesmo sexo e de sexos diferentes, eles consideraram diferentes aspectos. O fato de serem estigmatizados, de sofrerem preconceitos na sociedade, dificulta a proximidade com os outros parentes e isso acaba sendo um dificultador das relações conjugais homoafetivas, como se pode ver:

“... Os sentimentos sejam bem parecidos em qualquer casal, hetero ou homo, etc. O que une. Mas o desenrolar dessa expressão acho que é bem diferente. Claro que é diferente, né? Por isso que a gente tá falando, vc não tem os filhos desse relacionamento. Às vezes não tem aquele... aquele contexto 100% harmônico. Igual eu te disse. Nós conseguimos de alguma forma estabelecer um espaço dentro dessa célula, né?, que dizem família. Mas quando é um relacionamento comum, hetero, no caso, né?, isso é bem mais fácil, bem mais explícito, bem mais festejado. Então, isso facilita muito a vida do casal, né? Com certeza. Não é o caso do homo, do relacionamento homo. Muitas vezes vc tem certas reservas, certos preconceitos, etc, etc, etc. Então, acho que é isso. O sentimento de qualquer casal é parecido. Mas na hora de... aquela coisa de ‘vamos mostrar isso, viver isso’, aí já muda bastante, claro. O nosso caso é bem mais complicado” (“Carlos”).

“Numa relação hetero, eu acho que o vínculo com a família é bem mais forte. Então, eu acho que isso ajuda muito. Com a família de sangue. Mãe, pai, a sogra, o cunhado, o irmão, o sobrinho. Então, por mais que eu tenha uma relação boa hoje com os dois lados, com a minha e com a dele, não é igual. Isso aí não é. Não adianta falar que não é. E eu acho que isso aí ajuda muito num relacionamento. (...) No homo, a gente não tem isso. Você não tem que chegar, todo final de semana ir para a casa da sogra. Porque eu vejo as pessoas fazerem isso, né? Os filhos, eu acho que isso também prende um pouco o relacionamento. Acho que isso ajuda. E nós não temos. (...) Eu acho que é... é ruim para nós, que não temos esse apoio. Essa questão social mesmo, você... Se você vai ser convidado para um evento de trabalho, de família, você não tem esse amparo, de falar assim... É muito difícil, é um ou outro mesmo. Eu acho que isso... Não sei, às vezes eu acho que isso até fortalece a gente porque você tem que passar por cima. Mas eu acho que é uma coisa que faz um pouco falta. Podia ser uma coisa comum, uma coisa natural, e você sente que não é” (“Evandro”).

“Segundo, que a relação heteronormativa, ela já é culturalmente aceita pela sociedade. (...) E, na visão da sociedade, o preconceito é muito grande com a relação homoafetiva. Então, a carga de preconceito que a relação homoafetiva recebe da sociedade é muito maior do que uma relação heteronormativa. Muito mais. Não tenho dúvida disso. Agora, eu nunca tive uma relação heteronormativa também, ou heteroafetiva, pra saber como é” (“Helder”).

Outro aspecto que diferencia as relações homoafetivas das heteroafetivas é o fato de não poderem ter filhos:

“Uma diferença que pode ter com relação ao casal hetero pode ser a questão de programar de ter um filho. A gente também poderia, não gerar, mas poderia adotar, né?” (Giorgio)

“Primeiro, a questão da procriação. A grande parte das relações heteroafetivas têm o desejo e às vezes a consumação da procriação... Mas há sempre o desejo de ter uma... alguma coisa que una aquele casal pelo resto da vida. Numa relação homoafetiva, a procriação não é algo tão essencial, não é cobrado tanto, né?” (Helder)

As relações homoafetivas são diferentes, também, pelo fato de serem mais livres, isto é, menos marcadas por valores e costumes tradicionalmente presentes no mundo heterossexual:

“Acho que esses valores da monogamia, da fidelidade, são muito mais presentes entre os heterossexuais do que nos homossexuais” (“Leandro”).

“É diferente. Mais diferente. Eu acho que vc tem mais liberdade, né? Em vários sentidos. Na relação homo tem mais liberdade até por não ter essas interferências às vezes da família. Numa relação hetero, há tanta interferência às vezes dos pais, pessoas mais próximas, irmãos, e tudo. E às vezes, independente de ser aceito ou não pelas famílias amplas, eu acho que elas interferem menos. Acaba ficando aquela coisa ‘viva sua vida’” (“Bernardo”).

“E às vezes eu fico... particularmente eu fico bem triste quando eu vejo um casal homo imitando um casal hetero. Eu acho que não tem nada a ver essa coisa... (...) Então, eu acho que essa imitação pra mim não serve... Para mim é o prazer de ser exatamente por ser diferente. Diferente só no sentido de sentimento e não no sentido de achar que... ‘ah, então eu não gosto da cópia’. Pq tem muito essa questão do homem, ‘marido e esposa’. Por isso que eu não gosto desse termo ‘marido’. Não é marido. É companheiro ou companheira. É quem vive junto, quem acompanha” (“Bernardo”).

“Agora, na relação heteroafetiva há ainda uma intromissão muito grande do machismo. Então, vc tem lá as relações de gênero muito nítidas, o que é a mulher, o que é o homem. Desde o dia do casamento até o dia da procriação do filho, pela criação. Tudo, vc observa que há o machismo, que há uma tentativa de colocar a mulher sempre na situação mais doída, que é de entregar pra ela as maiores responsabilidades do casamento. Numa relação homoafetiva, os casais que não adotam a prática do machismo, pq aí é uma opção também, o risco cultural, né? Vc observa que é diferente” (“Helder”).

Foi destacado pelos entrevistados que o fato de ser uma relação entre dois homens torna-a diferente de uma relação que envolve mulheres, pois o homem tem uma natureza mais ativa do que as mulheres:

“De igual? Nada. Absolutamente nada. Não sei te dizer... bem, pensando nisso eu acho que eu nunca gostei da passividade feminina no relacionamento. (...) Não, eu não acho que as mulheres são passivas. Eu acho que elas têm... são muito... aguardam o homem vir cuidar. Não que isso não seja bom. Mas pode inverter! Sabe? Ela pode ser dominadora. Eu acho que isso que eu gosto mais da relação homossexual. (...) É uma luta. É uma luta! É uma luta 24h. Mas uma luta boa, que sara, que cura. Agora, quando é um homem e uma mulher, impressionante. Eu nunca tive uma namorada que... eu tive várias namoradas. Não foi só uma. Era sempre essa coisinha de ‘vem cá’, muito chato isso. Né? De ficar cuidando, de pagar coisa. É um saco. O ser humano tem que ser igual. Igual. Eu penso. (...) A energia

masculina é muito diferente. O Yin e o Yang é muito diferente. É muito diferente. Apesar de terem mulheres que são muito... eu tenho uma amiga... que são muito fortes na relação, sabe? Que o cara fica, pia fino. Mas eu nunca tive experiência” (“Augusto”).

O fato de serem dois homens torna a vida sexual de um casal homoafetivo mais ativa do que a de um casal heteroafetivo:

“Mas, agora, no mundo homoafetivo, no mundo gay, eu acho que é mais intenso a questão sexual. A gente transa mais, fica mais, tem muita traição, mais do que no mundo hetero. Gostam muito de transar, gostam muito de sexo. É diferente, mas é isso. Pq as mulheres não são tão safadas que nem homem. Homem é safado, sem vergonha. Então, no relacionamento hetero, eu acho que é mais fácil a questão da fidelidade, da mulher ser só pro seu marido. No relacionamento gay é muito difícil, a questão, por exemplo, da fidelidade. Muita traição... é muito diferente, assim” (“João”).

3. Viver em uma sociedade heteronormativa é...

Viver uma relação homoafetiva em uma sociedade heteronormativa tem algumas implicações para a vida de dois homens. Foi destacado pelos entrevistados o fato de não poderem se expor socialmente, de ter que lidar com estigmas socialmente produzidos e de serem invisíveis nas estatísticas e políticas do país.

Pode-se ver nos trechos dos discursos abaixo que os casais homoafetivos sentem não poderem desfrutar da liberdade de que desfrutam os casais heteroafetivos, não poderem expressar sua afetividade em locais públicos ou eventos sociais.

“Minha preguiça é essa, de vc querer uma certa mobilidade na própria sociedade que independe disso, mas não tem. Por causa dos padrões. (...) Ah, uma mobilidade. Por exemplo, tem uma confraternização da minha empresa, digamos assim. Eu pego o Y e vou, a gente confraterniza e tal. É uma coisa que pode acontecer? Pode. Mas vai ser uma coisa anormal, entende? Esse tipo de coisa. Vou pegar o Y e vamos a uma missa, de mãos dadas. (...) É uma coisa que não dá para vc fazer. Passear no shopping de mãos dadas, não dá. Pelo menos aqui, né? Em alguns lugares, dá. Então, essas coisas que me dão... revolta, acho que é uma palavra muito forte, mas preguiça mesmo de querer de repente curtir nosso relacionamento. O que todo mundo pode fazer, no caso dos heteros, e a gente não poder. Então, isso que eu acho sacanagem, assim. Acaba que vc vira um bode-expiatório, assim, né? (...) Isso que eu te falei de demonstrar carinho em público é uma coisa ainda chocante, né? Então, é melhor a gente não fazer pq às

vezes não vale à pena. Não pq a gente queira mostrar. Não. É uma coisa natural igual todos fazem. Então, nesse aspecto do relacionamento homo, a questão principal para mim seria essa, de vc não poder demonstrar esse afeto, essa coisa toda. (...) Dias melhores virão, né?” (“Carlos”).

“A diferença é que eu não posso andar de mãos dadas nas ruas, eu não posso beijar meu companheiro num shopping, eu não posso... eu não posso expressar minha afetividade. Acho que isso é ruim. Se vc me perguntar, essa é a situação de diferença que me deixa muito entristecido, né? Pq que as pessoas podem exercer sua sexualidade e demonstrar sua afetividade? To falando de afetividade, trocar carícias, pegar na mão, beijar no rosto, beijar na boca como todo mundo faz. Isso não é proibido, mas no nosso caso isso é proibido tacitamente. Não tem... vc pode ser agredido, vc pode ser espancado, vc pode ser morto por causa da ignorância, do preconceito das pessoas. Isso pra mim é o pior” (“Leandro”).

“Haha. Então, é isso que eu acabei de te falar, nesse sentido. Eu sinto falta dessas questões de... um evento de trabalho, aí todo mundo leva lá a esposa, o companheiro, aquela coisa. E eu, mesmo se alguém insistisse para eu levar, eu não me sentiria totalmente à vontade pq eu sei que não é uma coisa unânime assim e...” (“Evandro”).

“Então, essa é uma fase de transformação porque a gente não tem um local. (...) Dependendo dos convites que eu recebo... por exemplo, hoje os nossos grandes amigos são heteros, engraçado isso. Mas como eles nos recebem, vêm na nossa casa e a gente vai na deles, eu tenho essa liberdade. Mas não é toda casa... dependendo da festa que eles vão fazer com outras pessoas, por exemplo... eu me dou bem em qualquer lugar, mas se tiver uma outra festa com pessoas que me aceitam eu prefiro. “Pq q eu vou numa festa aonde eu não vou ficar à vontade, sendo que eu posso ir para uma outra onde eu sou muito mais bem aceito, né?” Então, essas da empresa eu opto por não participar para não ter ficar dando justificativa “ah, vc tem esposa, tem filhos?”, alguma coisa assim” (“Giorgio”).

Viver uma relação homoafetiva em uma sociedade heteroafetiva é ter que lidar o tempo todo com a ideia de serem “anormais” e sofrer as consequências do preconceito:

“É nadar contra a correnteza o dia inteiro. É nadar contra a correnteza. É a mesma coisa de vc ser um socialista num país capitalista. Ser capitalista num país socialista. Quer dizer, vc tem uma ideologia dominante que apregoa o tempo inteiro como algo natural, algo legal, algo político, cultural, que é aquilo. Se vc não se adequa àquilo ali, vc é um anormal, vc é um doente, vc é um perverso, vc é uma pessoa que

tá tumultuando o processo, etc e tal. Então, é o tempo inteiro nadar contra a corrente dentro da sociedade” (“Helder”).

“É difícil, pq tem muito preconceito. A sociedade é muito preconceituosa. Muito... É uma cruz. É uma cruz. Depois da exposição que eu tive... na imprensa... fui mandado embora da empresa que eu trabalhava. Hoje é muito difícil arrumar um emprego. O preconceito é muito grande, muito grande. (...) Às vezes a pessoa fala, a pessoa debocha, fala por trás. Então, existe muito preconceito, entendeu?” (“João”).

É como ser invisível, pois a sociedade estabeleceu seus padrões como se os homossexuais não existissem e é insensível às suas necessidades:

“Quer dizer, o que eu to querendo dizer é que a gente entra na estatística do IBGE como um porcentagem, 60 mil casais no Brasil todo, mas isso é muito maior pq nem todo mundo tem essa loucura e essa piração que eu tenho de cobrar da licenciadora que tem que constar lá. (...) Deixa passar pq não percebe isso na casa. (...) O que é muito ruim pq acaba que a gente não passa a valer para as políticas públicas. Vc não diz que existe, as pessoas não vão se preocupar com vc. (...) Então vc não existe, vc não precisa de nada. Vc não precisa de nenhum benefício fiscal, de nenhum benefício social, de nada. Então, essa é uma briga constante. (...) A invisibilidade. Esse termo é maravilhoso. A política da invisibilidade. E o Estado é o espaço que mais vem a segregar a participação no LGBT. Por mais que vc tenha gays no Estado, a política pública não é para gays, não é para mulheres, não é para negros, né? Ela é para uma “máxima” entre aspas “maioria” branca, heterossexual, cristã, e isso não é verdade mais. Nem aqui nesse país que é multicultural, e no entanto tem uma série de disparidades” (“Leandro”).

É como não ser o que os familiares gostariam:

“A nossa família nos respeita muito, assim, mas eu tenho certeza que eles prefeririam que não fosse assim. Isso é óbvio, é claro. Então, eu acho ruim, mas eu acho que o que importa é o nosso sentimento mesmo. Mas eu gostaria de sair e namorar mesmo, lógico que eu gostaria. Igual se eu tivesse uma menina. Igual todos fazem. Hehehe. Dias melhores virão, né?” (“Carlos”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o reconhecimento jurídico da união homoafetiva tenha contribuído para mudar o cenário de estigmatização dos homossexuais, favorecendo a aceitação da diversidade sexual e das relações homoafetivas, este estudo demonstra que ainda há grandes diferenças nos horizontes de casais homo e heteroafetivos. Os sentimentos partilhados pelos cônjuges em uma relação homoafetiva são bem próximos daqueles geralmente associados à vida conjugal heteroafetiva. Contudo, casais de pessoas do mesmo sexo encontram uma realidade mais conturbada e precisam lidar com preconceitos e estigmas socialmente construídos sobre sua condição homossexual.

Há uma relação muito próxima entre o processo de aceitação de sua homossexualidade, o significado de família e a importância que o “casamento” assume em suas vidas. Assumir a homossexualidade implica em uma série de barreiras a serem enfrentadas. França (2009) entende que todo homossexual que tenha assumido sua homossexualidade publicamente, de alguma forma, teve que enfrentar sua própria homofobia internalizada, homofobia esta produzida em consequência da heteronormatividade instituída. O preconceito e a perseguição que sofrem nesse processo muitas vezes levam os homossexuais a considerar “família” como sendo as pessoas daquele círculo social no qual eles se sentem amados e aceitos. Talvez por isso, suas visões sobre “ser casado” sejam bastante vinculadas à ideia de parceria, companheirismo, lealdade etc – e também de conciliação de individualidades, como é comum a quase todas as relações da contemporaneidade.

Indo ao encontro ao que foi demonstrado por França (2009), este estudo apontou que o que une o casal homossexual são laços afetivos: o amor, a vontade de estar junto - o que não difere muito, como afirmaram nossos entrevistados, do que acontece com um casal heterossexual. Entretanto, o modo como esses relacionamentos vão se desenrolar é diferente, pois os casais homossexuais têm que enfrentar algumas dificuldades que não se impõem aos casais heteroafetivos, tais como: não poder se expor socialmente com a mesma naturalidade com que fazem os casais heteroafetivos; ter que lidar com estigmas socialmente produzidos e sofrer as consequências do preconceito; não ser o que os familiares gostariam que fossem, o que dificulta a proximidade com os outros parentes e acaba sendo um dificultador das relações conjugais homoafetivas; ser invisível nas estatísticas e políticas do país.

Ao fim deste estudo, fica evidente que os casais de homossexuais sofrem os efeitos da cultura instituída em torno do ideal heteronormativo. Vivendo em um ambiente que expressa abertamente sua hostilidade anti-homossexual, eles têm suas vidas conjugais claramente marcadas pela distinção socialmente produzida entre casais homoafetivos e heteroafetivos, mesmo que, em alguns aspectos, os relacionamentos homoafetivos sejam bastante semelhantes aos relacionamentos heteroafetivos.

Considera-se que os resultados desta pesquisa tenham sido bastante esclarecedores das particularidades da experiência conjugal homoafetiva na contemporaneidade. Novos estudos sobre esta temática devem ser realizados para que um maior entendimento sobre essas relações seja alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÁN, Márcia. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. In: LOYOLA, M. A. **Bioética, reprodução e gênero na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: ABEP / Letras Livres, 2005. P. 215-229.
- BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.
- _____; PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- DUMONT, Louis. **Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.
- FRANÇA, Maria Regina Castanho. Família na sociedade pós-moderna – Famílias homoafetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, vol.17, no.1. 2009.
- GROSS, Martine. *L'Homoparentalité - que sais-je?* 3ª edição. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par – gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- MELLO, Luíz. Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas (SP), vol. 24, p. 197-225. 2005.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In: SOUZA, L.; Quintal de Freitas, M.F. & Rodrigues,

M.M.P. (orgs). **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALOMÉ, Geraldo Magela; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha; MORAES, A. Ana Lúcia Horta. **O significado de família para casais homossexuais**. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, vol.60, n.5, p.559-563. 2007.

SIMMEL, George. **Philosophie de la modernité: la femme, la ville, l'individualisme**. Saint-Armand-Montrond: Éditions Payot, 1989.

SINGLY, François de. **L'individualisme est un humanisme**. Paris: Éditions de l'Aube, 2007.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.